

**MUSEU “VIVO”:  
A CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DO ACERVO TÊXTIL DO MUSEU DA  
BARONESA E OS DESFILES E EVENTOS *IN LOCO* (1987 – 1995).**

Larissa Tavares MARTINS e Larissa Patron CHAVES

larissamartins.ufpel@gmail.com

larissapatron@gmail.com

**Resumo:** Esta pesquisa é resultado da monografia que foi apresentada ao curso de Pós-graduação em Artes - Patrimônio Cultural Conservação de Artefatos - Centro de Artes/UFPel. Apresenta como tema central a conservação preventiva dos acervos têxteis do Museu da Baronesa, Pelotas/RS, a partir de sua utilização nos anos de 1987 e 1995, em desfiles e eventos na instituição. Através da discussão sobre a conservação dos têxteis históricos, pretende-se chamar a atenção para a preservação de um dos elementos que compõe o patrimônio cultural regional e nacional. O objetivo geral deste trabalho consisti em investigar como eram estes desfiles e eventos realizados no MMPB no período focado na pesquisa, evidenciando a preservação e conservação do seu acervo têxtil. A partir do trabalho efetuado observa-se que na década de 80 e 90, a utilização dos acervos têxteis não alcançava o cuidado com relação a este patrimônio, artefato que salvaguarda a memória de uma cidade, e muitas vezes de uma região.

**Palavras-chave:** Museu da Baronesa. Acervo Têxtil. Conservação Preventiva.

### **Apresentação**

Esta pesquisa procura analisar como eram os desfiles e eventos realizados no Museu Municipal Parque da Baronesa nos anos de 1987 e 1995, enfocando basicamente a utilização do acervo têxtil naquela ocasião e os cuidados de conservação e preservação destes artefatos.

A estudo justifica-se pelo fato do tema não ser muito discutido e possuir baixa recorrência de publicações, pois acima de tudo, procura investigar a importância da discussão sobre a história, preservação de têxteis históricos no Museu e sua reverberação na atualidade.

Para este trabalho, delimitou-se como local de pesquisa o referido Museu, localizado na cidade de Pelotas/RS, que possui um acervo muito numeroso, onde existem peças de porcelana, objetos, pinturas, móveis, papéis, acessórios e tecidos. O acervo têxtil possui aproximadamente 1070 peças, que são do acervo do Museu e empréstimos de famílias da cidade.

Neste processo levantou-se como problemática a seguinte questão: Nos anos 80 e 90, houve a preocupação com a preservação e conservação do acervo têxtil utilizado nos desfiles e eventos? A partir deste problema de pesquisa, surgiram alguns questionamentos: Qual era o intuito de realizar estas apresentações no Museu da Baronesa? Os desfiles realizados no Museu, tinham a preocupação acerca da conservação do acervo em geral, priorizando o acervo têxtil?

São objetivos deste estudo, verificar como aconteciam as apresentações; Identificar quais eram os vestuários utilizados; Analisar formas de conservação e preservação do acervo têxtil, propondo réplica de algumas peças de vestuário, contribuindo para outros projetos e para ficar a disposição e contato com o público.

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa, pois está pautada a partir de conceitos sobre História do MMPB e conservação e preservação do acervo têxtil de forma contextualizada, procurando compreendê-lo e interpretá-lo através da análise do objeto de estudo. Configura-se como estudo de caso, de caráter histórico, onde o Museu da Baronesa é o ambiente principal da investigação, tratando as apresentações e a utilização do acervo têxtil do Museu a partir de suas inter-relações sociais e culturais.

Para um bom desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se um levantamento bibliográfico, com o intuito de aprimorar o objeto de estudo, aprofundando prioritariamente o acervo têxtil e suas particularidades. O Museu foi o principal local onde se conseguiu informações sobre utilização do acervo têxtil e conservação e preservação destas peças.

São interlocutores teóricos deste estudo, autores que abordam as questões sobre patrimônio cultural, representação e conservação preventiva. Mário Chagas (2006) refere-se às questões referentes à museologia e as novas formas de trabalhar com a presença de réplicas em museus. Sandra Pesavento (2000) nos remete a ideia de representação e a contribuição acerca do assunto. Teresa Cristina Toledo de Paula (2006), aborda questões sobre a conservação têxtil no Brasil, sendo uma autora especialista na área, com várias pesquisas sobre o tema.

Como possíveis contribuições, esta investigação sobre o acervo têxtil do MMPB, servirá de base para outros estudos na área, pois procura somar a pesquisas no âmbito da conservação preventiva do acervo têxtil em museus.

## **O Museu da Baronesa e o Patrimônio Cultural de Pelotas**

O Museu Municipal Parque da Baronesa é uma instituição de terminalidade histórica, localizado na cidade de Pelotas. O prédio é a antiga residência da família Antunes Maciel, onde viveram três gerações.

O Museu foi inaugurado em 25 de abril de 1982, após 4 anos de reformas orientadas pelo artista plástico Adail Bento Costa. Em 4 de julho de 1985, foi tombado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico (COMPHIC). Conforme afirma Schwanz (2011), no documento de doação, foi incluída uma cláusula com a condição de que o Parque e o prédio fossem transformados em espaços abertos ao público.

O Solar da Baronesa apresenta uma das mais belas arquiteturas do século XIX, em estilo eclético, onde existem 22 peças que compõe os cômodos da casa. O terreno possui aproximadamente 7 hectares, onde 820 metros quadrados compreendem a área construída.

Possui um acervo vasto e rico que é datado de 1860 a 1950, com peças de porcelana, pratarias, vidraças, armarias, máquinas, mobiliário, pinturas, objetos de madeira, fotografias, papéis, têxteis e acessórios, tanto da família como doação e empréstimos de famílias da cidade. Contempla um acervo com aproximadamente 2.615 peças, onde 823 destas, compõe o acervo têxtil tombado e aproximadamente 247 peças estão em regime de empréstimo para a instituição.

A grande variedade de acervo deixa cada vez mais clara e importância de salvaguardar este patrimônio representativo de certa parcela da sociedade pelotense em dado período de nossa história.

A preservação do patrimônio cultural, portanto, é uma ponte que transita entre o passado e o futuro, e é no presente que estes artefatos devem ser preservados, fazendo com que o bem possa existir por mais tempo. O reconhecimento e a atribuição de valor é muito importante para “elevar certos bens culturais à categoria de patrimônio.” (MEIRA, 2004, p. 10). Segundo Ana Meira, os bens preservados, no processo de construção da cidade, assume importância como permanências que representam um duplo capital – material e simbólico (MEIRA, 2004). É a preservação e o reconhecimento destes valores que vão estimular a história da cidade e as memórias individuais e coletivas.

### **Os desfiles e eventos no Museu da Baronesa na década de 80 e 90**

O termo representação possui inúmeras dimensões. Como parece de costume, assimila-se representação à visualidade, mas pode “tornar presente a ausência, apresentá-la novamente à nossa memória, aos nossos ouvidos, à nossa temporalidade (e não somente aos nossos olhos).” (PAVIS, 2007, p. 338-339)

Nas ciências humanas fala-se muito, e a muito tempo, de “representação”, algo que se deve, sem dúvida, à ambiguidade do termo. Por um lado, a “representação” faz às vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar. (GINZBURG, 2001)

Sobre o conceito de representação, Mário Chagas (1996), diz que a memória é compreendida como a “representação do passado no presente”. Destaca que a representação, como tal, é “dinâmica e cambiante”, sendo que a aparência viva da memória está presente permanentemente. (CHAGAS, 1996, p. 90)

Sandra Pesavento, historiadora gaúcha, pesquisou nos seus quase 40 anos de vida acadêmica, temas como representação e imaginário. Questionamentos centrais na produção e no estudo sobre representação destacam as relações traçadas entre o que “realmente existiu” e aconteceu e as formas pelas quais esta realidade foi apropriada, interpretada e construída. O efeito de recuperação mostra a importância do imaginário e a aproximação com o real e as evidências que restaram de um tempo passado.

Na tentativa de reproduzir a história através dos objetos, procuravam representar como seria a vida da sociedade pelotense em dado período. Conforme afirma Chagas (1996), os museus são “fragmentos ou representações de memória”, com interesse pelos “segmentos sociais numericamente reduzidos, porém dominantes” (CHAGAS, 1996, p. 94). Estas atividades que tinham o objetivo de divulgar o museu, - sendo organizados por pessoas da elite pelotense -, talvez não prezassem pela veracidade das cenas, mas sim compreendesse em uma seleção do que melhor representaria a vida nos casarões da época. Como salienta Pesavento (2000),

Dizer que a história é uma narrativa verdadeira, de fatos acontecidos com homens reais, não é, entretanto, afirmar que, como narrativa, ela seja mimese daquilo que um dia teria ocorrido. Assim, há sempre a presença de um narrador que mediatiza aquilo que viu, vê ou ouviu falar e que conta e explica a terceiros uma situação não presenciada por estes. Interpõe-se, assim, um princípio de inteligibilidade e de proposta de conhecimento do ocorrido, que é representado – re-apresentado – a um público, ouvinte e leitor. (PESAVENTO, 2000, p. 34)

Estes acontecimentos que muitas vezes não tinham o propósito de capturar a verdade, mostravam para os visitantes, uma realidade diferente do que provavelmente era, como Sandra Pesavento chama de “ficção”.

Chamemos talvez de ficção, como ato ou efeito de “colocar no lugar de”, “dar o efeito de”, como se aquilo que se passou longe do olhar e da vida dos ouvintes ali estivesse, numa “ilusão referencial” de presença e que permitisse o público “imaginar” como “teria sido” aquilo que se narra. Ou, então, chamemos simplesmente este ato singular e mágico de representação... (PESAVENTO, 2000, p. 34)

Representar significa reproduzir, retratar algo. Os museus, são ótimos espaços destinados a estas intervenções, sendo um palco onde representa-se a vida de certas pessoas que viveram no local. Segundo Mário Chagas (2006):

Os museus, lugares privilegiados de construção de memórias, são também palco apropriado para a invenção e a teatralização de tradições. Esta é uma das razões pelas quais eles frequentemente são associados ao tradicionalismo conservador, em termos artísticos, culturais e sociais. (CHAGAS, 2006, p. 119)

Na crítica sobre as representações que acontecem em espaços culturais, como Françoise Choay chama de “Animação Cultural”, salienta que estas atividades são realizadas para torná-los os espaços e as obras mais consumíveis. “Uma hierarquia complexa conduz da mediação com efeitos especiais aos comentários audiovisuais, passando pela reconstrução de cenas históricas imaginárias, recorrendo-se a atores, manequins, marionetes ou imagens digitais.” (CHOAY, 2006, p. 216). Ela acredita que fica cada vez mais complicado para o visitante evitar estas interferências, colaborando com a passividade do público. Para ela, “essas são formas demagógicas, paternas e condescendentes de comunicação.” (CHOAY, 2006, p. 216). Cada vez mais existem novas formas de transmissão deste saber representados nos museus e instituições, mas nem sempre se preocupam com a preservação e valorização do patrimônio. Para Choay,

Levada a extremos, a animação cultural torna-se exatamente o inverso da *mise-em-scène*<sup>1</sup> do monumento, que ela transforma em teatro e em cena. O edifício entra em concorrência com um espetáculo ou um “evento” que lhe é imposto, em sua autonomia. Associam-se exposições, concertos, óperas, representações dramáticas, desfiles de moda ao patrimônio histórico, que os valoriza; este, por sua vez, pode, em decorrência dessa estranha relação antagonica, ser engrandecido, depreciado ou reduzido a nada. (CHOAY, 2006, p. 216-217)

---

<sup>1</sup> Do Francês, “colocar em cena”.

Não pensadas corretamente, estas intervenções podem prejudicar o espaço patrimonial, assim como tudo o que está exposto. Todas as atividades dentro de instituições museológicas precisam ser planejadas para que o risco seja cada vez menor. Contudo, iniciativas que procuram levar mais visitantes para dentro do museu, é uma boa proposta, mas sempre deve-se pensar na preservação do patrimônio. Segundo Rafael Zitzke (2010), “os objetos, tendo ou não um apelo estético, trazem consigo uma história e, muitas vezes, desempenham um papel importante na representação coletiva de diferentes grupos sociais”. (ZITZKE, 2010, p. 23)

No Museu da Baronesa, na década de 80 e 90, aconteciam desfiles e eventos que retratavam a vida da família que viveu no local. No ano de 1987, integrando-se às comemorações da “Semana de Pelotas”, o Museu realizou, em 07/07/1987, um desfile com quadros parados de roupas antigas, com o tema: “A evolução do vestuário de meados do século passado até 1960.” A exposição-desfile foi promovida pela Prefeitura Municipal, Universidade Federal de Pelotas e organizada pelo Museu da Baronesa e Faculdade de Ciências Domésticas, com a colaboração da Eggu’s Produção.

A presente exposição-desfile foi concebida para divulgar a imagem do novo Museu e de seu programa de extensão cultural, divulgação do traje, imagem do homem, na expressão da arte decorativa. Há uns 15 ou 20 anos, ao abrir uma arca antiga, era a garantia de momentos divertidos, rendas, leques, chalés, plumas, sombrinhas, hoje este conjunto pertence a um passado que interessa preservar. (Programação do evento, 1987, s/p )

É com estas palavras que inicia o projeto e evento realizado no ano de 1987, complementando as atividades que tinham a finalidade de movimentar o Museu. Utilizavam contudo, desde os móveis, até os acervos delicados como taças, têxteis, entre outros, como mostra a (Figura 01) a seguir.



Figura 01 – Três moças vestidas com roupas que datam do final do século XIX e início do século XX. Dentre elas, algumas peças pertencem ao acervo Museu Parque da Baronesa. Fonte: Museu da Baronesa.

Rafael Zitzke aborda como eram utilizadas as peças de vestuário nos anos 80, onde o acervo do Museu fazia parte das representações. Segundo ele, o funcionário do Museu na época, afirma o seguinte:

[...] o Museu era categórico em relação a não utilização do acervo como peças de uso cotidiano, e que o acervo era tratado como tal, como objetos de Museu, embora, contraditoriamente, ele mesmo relate que quem determinava esses usos era a própria direção da instituição. (VASQUES, 2010 apud ZITZKE, 2010, p.32)

Em entrevista realizada por Rafael Zitzke, com o ex-funcionário do Museu, relata que em uma certa época foi feito um desfile, no qual usavam alguns chapéus da instituição. Este desfile foi realizado em 1995, onde usavam alguns chapéus que são acervos do Museu. Este evento foi divulgado pelo Jornal JP Porto Alegre, na coluna “Panorama Social”, onde destaca o sucesso do desfile e as atividades desenvolvidas no dia.



Figura 02 – Desfile de chapéus- 1995. Fonte Museu da Baronesa.

Como mostra a (Figura 02), estes acessórios também eram expostos ao ar livre, propensos a danos, como alta luminosidade, poeira e, sobretudo, ferindo conceitos de uma boa conservação preventiva.

Estas atividades que aconteciam na instituição nos anos 80 e 90, não tinham a atenção adequada com os bens do Museu. O cuidado na conservação dos acervos e a preocupação com o patrimônio, eram discutidos desde o início do século XX, como a Carta de Atenas em 1931. Os encontros começaram a ser intensificados, nos anos 70, quando aconteceu o primeiro encontro no Brasil (Compromisso de Brasília). As cartas patrimoniais e documentos oficiais, foram criadas como recomendações e compromissos acerca do patrimônio, mas que em muitos casos, não eram levados em conta, ou até mesmo documentos desconhecidos.

As últimas duas intervenções que se tem notícia, aconteceram na instituição por volta de 2001 e 2010. Basicamente tinham a mesma finalidade, que era a teatralização com o intuito de educação patrimonial.

Na encenação que aconteceu na instituição no ano de 2010, que teve como organizadora e coordenadora a estagiária do Museu na época, pode-se observar a diferença na preocupação com a utilização do acervo têxtil, pois salienta que as peças usadas nas intervenções, não são acervos do Museu, como a seguir:

O figurino usado na intervenção, não é propriamente acervo próprio do local, doado ou emprestado para o Museu, e sim, vestuários que estão sendo guardados e conservados no local, que pertencem a Secretaria de Cultura de Pelotas e fizeram parte de gravações cinematográficas na cidade. Na época, foram feitos ajustes para as atrizes que participaram da intervenção. Também tinham figurinos e acessórios que pertencem ao meu acervo pessoal. (Entrevista coordenadora do evento, 2012)



Figura 03 – Intervenção teatral realizada no dia 19 de maio de 2010, durante a comemoração do Dia Internacional dos Museus. Fonte: Acervo privado de Lúcia Berndt.

Contar histórias, cria e recria no cotidiano do presente, as narrativas que fazem parte de experiências do passado. O revivenciamento faz com que os visitantes entrem em um mundo de mistérios, onde o velho encontra o novo e o inovador.

Os museus ainda são lugares privilegiados do mistério e da narrativa poética que se constrói com imagens e objetos. O que torna possível essa narrativa, o que fabula esse ar de mistério, é o poder de utilizar coisas como dispositivos de mediação cultural entre mundos e tempos diferentes, significados e funções diversas, indivíduos e grupos sociais distintos. (CHAGAS, 2008, p. 13)

No contexto da contemporaneidade, onde encontramos um sujeito-espectador, que como afirma Leila Ribeiro (2008), “busca, de modo representativo, algumas de suas marcas tanto em objetos quanto em práticas de visualidade que presentificam,

externamente, alguns de seus projetos evocativos ou mesmo “provocativos” de uma rede social de relações”. (RIBEIRO, 2008, p. 61)

Como afirma Pesavento: “o imaginário, esta capacidade de representar o real por um mundo paralelo de imagens, palavras e significados, tem uma força por vezes mais “real” que o próprio “real concreto”, é também uma visão que se difunde.” (PESAVENTO, 2000, p. 37).

### A conservação preventiva do acervo têxtil: conceitos e práticas

A conservação preventiva é um conjunto de planejamentos, voltados a tomadas de ações, “agindo directa ou indirectamente sobre os bens culturais, visa prevenir ou retardar o inevitável processo de degradação e de envelhecimento desses mesmos bens.” (CAMACHO, 2007, p. 07). Tem o intuito de prolongar a vida útil, respeitando as características físicas de cada objeto.

Se tratando de conservação de têxteis, a tarefa de preservação, conservação e restauro de têxteis passa a ser um ofício desafiador. Apenas a partir da década de 1960, é que vão surgir cursos que lidem com conservação de têxteis. O trato com estes materiais no Brasil, somente foram iniciados na década de 1980, com esforços introdutórios. Hoje em dia, é uma questão pouco discutida, possuindo poucos profissionais na área.

Para esta pesquisa, que analisa os eventos e desfiles que aconteciam no MMPB no final do século XX, e a utilização inadequada do acervo têxtil, será analisado basicamente as causas de deterioração executadas pelo homem e as causas de agentes físicos.

	PROCEDIMENTOS	INADEQUADO	INDICADO
Ação Humana	<b>Manuseio</b>	Evitar mover pelas extremidades; Qualquer deslocamento cria riscos e necessita de controle.	Sempre use luvas de algodão e máscaras; Mover horizontalmente, com apoio dos braços; Transportar os artefatos com capas de proteção; Deve ser realizados por pessoal capacitado; Nunca usar anéis, pulseiras ou objetos que possam danificar a peça.
	<b>Higienização - Limpeza</b>	Nunca lave um têxtil; Evitar uso de pinceis, pois espalham a poeira para outras peças;	Os acervos devem ser higienizados antes de ir para a reserva técnica; Usar aspirador com filtro de musselina no bocal; A limpeza do acervo tem de ser realizada por pessoal especializado ou sob supervisão deste.
	<b>Acondicionamento – Embalagens.</b>	Nunca faça dobras ou cole adesivos, nem use naftalina. Não podem ser empilhados; Não usar polietileno na forma de sacos, pois retém a umidade; Não deve ser utilizado grampos, alfinetes, papel pardo, caneta;	As peças devem possuir apoio adequado; Utilizar papel com pH neutro; Para têxteis forte e estáveis, pendurar em cabide acolchoado, envolto por capa de proteção. Para exposição é adequado que se construa manequins acolchoados;

	<b>Armazenamento – Mobiliário e Reserva Técnica</b>	Não utilizar armários de madeira. Não usar papel que na seja branco evitando a transferência de cores.	Armazenar os têxteis em ambientes escuros; Devem ser armazenados com apoio apropriado, sendo colocados em caixas etiquetadas; Armazenamento em mapotecas, armários, estantes, prateleiras e arquivos deslizantes;
	<b>Exposição</b>	A exposição não deve ser por tempo indeterminado, pois as peças sofrem com luminosidade e tensão física;	Devem ser feitas com tempo reduzido (exposições temporárias); Utilização de manequins; Que um bem não seja exposto se o seu estado de conservação não o permitir;
Agentes Físicos	<b>Luz</b> (natural, incandescente, fluorescente ou outras)	Nunca expor o têxtil a luz excessiva, protegendo dos raios ultravioleta e infra vermelho (calor em acesso); Os efeitos da luz desbotam e mudam as cores;	Ideal que sejam expostos por no máximo 7 horas por dia; Ideal que a intensidade da luz não ultrapasse 50 lux <sup>*2</sup> . Iluminar só quando for trabalhar com a peça; Utilizar lâmpadas com tecnologia de LED de luz branca;
	<b>Unidade Relativa/ Temperatura</b>	Não expor os acervos em mudanças bruscas de temperatura e umidade relativa;	Armazenar em temperatura em torno de 18° C* e umidade relativa do ar em 50-55 UR% <sup>;</sup> *

Figura 01 – Ações e procedimentos de conservação preventiva de têxteis. Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Destacando ainda a utilização do acervo têxtil nas representações dos anos de 1987 e 1995, observa-se o mau emprego dos trajes e acessórios de vestimenta. Os trajes que são parte das coleções de museus nunca devem ser vestidos. Esse tipo de uso nunca se justifica. Uma breve tentativa pode bastar para causar danos consideráveis. Segundo Ann French, Barbara Heiberger e Stephen Ball (2005):

É muito improvável que uma pessoa de hoje que tente vestir o traje tenha o mesmo tamanho, tipo físico, postura e movimentos do dono original.[...] Em muitas épocas, inclusive boa parte do século XX, muitas mulheres usavam espartilhos e cintas como meio de atingir o corpo da moda de então. (FRENCH; HEIBERGER; BALL, 2005, p. 71)

Segundo Fausto Viana e Luz García Neira, deve-se resistir à tentação de vestir trajes antigos, não permitindo a colocação para festas, exposições e reuniões. O dano permanentemente causado, não vale o risco. Sugerem sempre o “uso de réplicas feitas com base no material do acervo”. (VIANA; NEIRA, 2010, p. 229). É também o que salienta French, Heiberger e Ball, sobre a aplicabilidade do acervo:

<sup>2</sup> \* Valores conforme descreve Clara Camacho (2007) e alguns passos de Conservação e Restauro do Museu Nacional do Traje, de Portugal.

Os trajes utilizados para fins teatrais ou educativos, em cortejos cívicos ou representações, devem ser réplicas. A política do museu normalmente deverá permitir o acesso somente a pessoas de comprovada boa-fé e em condições controladas, de modo a garantir que os procedimentos de produção de réplicas não danifiquem os objetos. Por exemplo, você não deve permitir qualquer estudo do objeto que não siga estritamente as regras de manuseio do museu ou que coloquem o risco de desmontar a roupa para ver de que maneira estava montada. (FRENCH; HEIBERGER; BALL, 2005, p. 72)

A política de manejo de coleções dentro de uma instituição deve ser bem clara, com regras de manuseio e transporte, bem como, a criação de protocolos e pessoal treinado para cada atividade. Quando um acervo passa por um mau uso, danifica-se, prejudicando seu estado de conservação. Sempre deve-se levar em consideração, o estado de conservação dos acervos e perceber pontos frágeis na hora do manuseio e transporte. O trato com o bem não deve ser realizado por pessoas não especializadas, pois esta prática aumenta a probabilidade da ocorrência de danos, pois nenhum objeto escapa ao manuseamento e quanto mais emblemático, maior será sua solicitação. (CAMACHO, 2007, p. 28)

Este caráter insubstituível é que não pode se perder. Procura-se sempre que necessário, a proteção do bem, ou seja, a salvaguarda do acervo. Quando não é possível a utilização da peça original, propõe-se a construção de réplicas do acervo têxtil.

As práticas de conservação preventiva no Museu da Baronesa, são atividades que começaram a ser realizadas na instituição em meados da década de 1990, quando iniciaram os estágios vinculados a Universidade Federal de Pelotas, sendo eles profissionais mais especializados para exercer certas atividades. Nos anos 80 e 90, como relata um funcionário do Museu, as informações e atitudes eram desconhecidas, conforme as regras da administração na época. Havia entretanto a prática de lavar algumas peças têxteis brancas, com sabão de coco de glicerina. Como relata Zitzke:

A forma de exposição e o tempo em que várias peças ficam expostas são agravantes da conservação do acervo, algumas peças fazem parte da expografia há mais de vinte anos. O estado de conservação do prédio também prejudicou o acervo exposto durante um longo período, pois o telhado sempre apresentou diversas goteiras e muitas vezes a água da chuva atingia os objetos, principalmente se a chuva inicia à noite quando não há ninguém para melhor acomodar o acervo de modo que não seja afetado. (ZITZKE, 2010, p. 26)

A forma errada que era utilizado e manuseado o acervo têxtil, foi um agravante para piorar o estado como as peças se encontram hoje.

### **Considerações Finais**

Analisando a história do Museu Municipal Parque da Baronesa, observa-se a grande importância que a instituição tem para a narrativa de uma parcela da história da cidade de Pelotas e região. A história do Museu e todos os acontecimentos que o Museu testemunhou, fazem parte de uma história que deve ser preservada e estudada. Todos os acervos que existem na instituição são de grande valia para a narrativa, mas para esta pesquisa, foi escolhido apenas o acervo têxtil, pois se aproxima mais de pesquisas abordados anteriormente e desenvolvidas atualmente.

Nas análises realizadas nesta monografia, observou-se entre outras questões, as apresentações e desfiles que aconteciam *in loco* no MMPB, e conseqüentemente a má utilização do acervo têxtil na década de 80 e 90. A administração do Museu na época, realizava atividades na local, onde os eventos tinham o objetivo de divulgar o Museu e arrecadar fundos. Estas atitudes não contribuíram para a conservação das peças e conseqüentemente para a preservação do patrimônio. Na época que aconteciam estas intervenções, onde as pessoas, muitas vezes, não se preocupavam com a importância da preservação, já existia uma discussão sobre a necessidade de salvaguarda do patrimônio.

O estudo sobre as representações/apresentações na instituição são importantes, pois trazem para a contemporaneidade, narrativas do século passado, mostrando as diferenciações entre as formas de agir sobre o patrimônio.

Deve-se prestar atenção para o potencial dos têxteis como patrimônio documental da sociedade. Servem de base para pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e de fonte histórica, reforçando as relações entre história e vestuário.

Os acervos têxteis e acessórios são fontes ricas de conhecimento, pois possibilitam que através destas peças, possam ser narradas a história, e representada à memória de uma sociedade. Os vestuários trazem com eles, muitas questões e indagações, onde cada peça é carregada de mistérios, curiosidades e descobertas.

A discussão e o confronto de autores, que tratam e discutem os temas abordados nesta monografia, foram de fundamental importância para o aprimoramento sobre os conceitos de representação, conservação preventiva e autenticidade.

Constatou-se que é possível através de ações simples de conservação preventiva, diminuir os riscos de deterioração sobre os acervos têxteis e conseqüentemente aos outros bens da instituição. Com novos profissionais capacitados que chegam ao Museu, as atividades de conservação, restauro, documentação entre outras, são cada vez mais aprimoradas. Apesar dos especialistas que lidam com acervos têxteis serem poucos, não são encontrados em todas as instituições. Deve-se ter claro que é importante em todos os acervos, a conservação preventiva dos artefatos, pois quando chega à etapa de ser restaurado, é porque houve falhas na conservação ou mau uso desta peça.

A discussão sobre a construção de réplicas em instituições que guardam bens patrimoniais, buscando a salvaguarda do acervo histórico, é um debate recente, havendo poucas publicações sobre o tema. A construção de réplicas que possam ficar a disposição do público, aproxima os visitantes das peças e conseqüentemente do contato com a história, despertando um maior conhecimento, sobre o vestuário, época, sociedade entre outros. A possibilidade de utilização de outro vestuário, é uma forma de se aproximar dos trajes usados em décadas passadas, sem perder a beleza e características estéticas da peça, recriando assim um cenário histórico.

Com certeza, o museu pode servir de palco para outras intervenções/teatralizações, mas sempre tendo em mente a necessidade de preservação de um patrimônio que é de todos nós. Novas possibilidades de atividades no museu poderão se abrir, disponibilizando o espaço para ações dos mais diversos estilos, procurando unir o velho e o novo. O museu cada vez mais, passa a ser um local atrativo, proporcionando aos visitantes uma experiência diferenciada e inovadora.

Contudo, esta pesquisa busca valorizar todo o acervo têxtil e acessórios como parte do Patrimônio Cultural de Pelotas, onde procura contribuir para a preservação e conservação do acervo, ficando assim, por muito mais tempo a disposição da sociedade.

## Referenciais

CAMACHO, Clara. **Plano de Conservação Preventiva. Bases orientadoras, normas e procedimentos.** Temas de Museologia. Lisboa: 2007.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade.** Chapecó: Argos, 2006.

\_\_\_\_\_. **Museália.** Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. A radiosa aventura dos museus. In: **E o patrimônio?** Vera Dodebei e Regina Abreu (orgs.). Rio de Janeiro: Contra Capa / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2008. p. 113 – 123.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo, Estação Liberdade – Unesp, 2006.

FRENCH, Ann. HEIBERGER, Barbara. BALL, Stephen. Conservação de coleções de vestuário. In: Museologia. Museums, Libraries and Archives Council. **Conservação de Coleções;** (Museologia. Roteiros práticos; 9) [tradução Maurício O. Santos e Patrícia Souza]. – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: Fundação Vitae, 2005.

GINZBURG, Carlos. Representação. A palavra, a idéia, a coisa. In: **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância.** Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004)

PAULA, Teresa Cristina Toledo de. **Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções.** [Editora da publicação Teresa Cristina Toledo de Paula. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2006.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro.** São Paulo: Ed. Perspectiva, Tradução: J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3º ed. 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras da ficção – Diálogo da história com a literatura.** Porto Alegre: Revista História das Ideias, Volume 21, 2000.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Patrimônio visual: as imagens como artefatos culturais. In: **E o patrimônio?** Vera Dodebei e Regina Abreu (orgs.). Rio de Janeiro: Contra Capa / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2008. p. 113 – 123.

SCHWANZ, Jezuína Kohls. **A Chácara da Baronesa e o imaginário social Pelotense.** 2011. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas

VIANA, Fausto. NEIRA, Luz García. **Princípios gerais de conservação têxtil.** Revista CPC, São Paulo, n. 10, p. 206-233, maio/out 2010.

ZITZKE, Rafael Macedo. **Três décadas de História: As mudanças nas práticas de Conservação Preventiva no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas-RS (1982-2010).** 2010. Monografia (Bacharelado em Museologia). – Universidade Federal de Pelotas.

### Documentos Oficiais

Carta de Atenas, outubro de 1931. **Carta de Atenas (1931).** Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos.